

# COOPERATIVAS MUSICAIS, DIREITO AUTORAL E GLOBALIZAÇÃO NA ERA DA REVOLUÇÃO DIGITAL

AMAUDSON XIMENES VERAS MENDONÇA

## Introdução

Trata do fenômeno das associações culturais e cooperativas musicais, a partir da formação de redes solidárias constituídas por grupos musicais, em particular, os do rock, no mundo globalizado, com atenção especial para o caso brasileiro. Destaca que, além da iniciativa de organização de festivais musicais independentes, tais tipos de organização têm resultado numa intensa produção coletiva de portais, publicações e CDs coletivos, capitaneados por pequenos selos ou por membros dos próprios grupos, que são prensados em regime de mutirão, com custos e preços abaixo do mercado. Mostra que essas experiências se multiplicam em diversas partes do país e do mundo, tendo na rede mundial de computadores – a internet – uma das principais ferramentas de comunicação, seja na divulgação, seja na troca de experiências e arquivos musicais, favorecendo ainda a articulação dos grupos cooperativados. Chama ainda atenção para o fato de que, além dos trabalhos musicais, os CDs produzidos dessa forma trazem discussões políticas e culturais das mais diversas, indo desde questões ligadas ao racismo e à solidariedade, bem como dos mercados justos e da cópia livre; estes últimos são baseados em valores de ajuda mútua, democracia, participação e autonomia. Leva à conclusão de que experiências dos CDs Cooperativados tornaram-se mais visíveis a partir da segunda metade dos anos oitenta, coincidindo com o espectro de transformações econômicas, políticas, culturais e sociais que ficou conhecido como globalização, no interior do qual também começaram a ser gestadas as primeiras experiências associativas de grupos musicais ligadas ao rock.



A globalização pode ser compreendida como o conjunto de transformações que ocorreram nos diversos setores

do ordenamento societário capitalista que deu uma nova feição ao mundo atual. O conceito ganhou maior amplitude a partir dos anos 70, e no Brasil se intensificou no final dos anos oitenta, com o início do governo Collor, e compreendendo um novo ciclo de expansão do sistema capitalista, tanto como modo de produção, quanto processo civilizatório. Em raio de ação se constitui num conjunto de características que engloba regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, culturas e civilizações (IANNI, 1999).

Analisando esse fenômeno, Hobsbawn tece considerações que favorecem a percepção de que se trata de um momento de crise, em cuja velocidade e voluptuosidade de grande tempestade se torna incompatível com o ritmo civilizatório herdado da dita modernidade, atropelando a tudo e a todos de uma forma jamais vista na história da humanidade:

Talvez a característica mais impressionante do fim do século XX seja a tensão entre o processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade conjunta das instituições públicas e do comportamento coletivo dos seres humanos de se acomodar a ele. (HOBBSAWN, 1995, p. p 24).

Compreendemos, assim, que na fase mais recente de globalização, o capitalismo expande-se, segundo uma dinâmica mais ou menos avassaladora em todos os lugares e atividades que atinge com o seu raio de ação, sempre criando e recriando, integrando e destruindo, de modo que, poucas formas de vida e de relações sociais permanecem sólidas, para não falar das representações de mundo; no caso das relações de trabalho, então, não há mais lugar para antigos arranjos e contratos, certezas, garantias de direitos e expectativas de estabilidade, como se deduz da afirmação abaixo:

Aos poucos, ou de repente, conforme o caso, a grande maioria da população assalariada mundial se vê envolvida no mercado global; um mercado em que se movem compradores e ven-

dedores de força de trabalho, mercadorias, valores de uso e valores de troca. (IANNI, 1999, p.19).

No campo da ciência e da tecnologia, o novo paradigma desperta esperança e angústia porque nunca pareceu que o poder tecnológico pudesse interferir tanto nas leis naturais e biológicas, criando possibilidades de manipulação, alteração e destruição jamais concebidos anteriormente, colocando em dúvida, inclusive antigas certezas sobre a dinâmica da vida, das espécies e do equilíbrio ecológico. Rifkin (1999, p. 70), ao analisar essa problemática é de opinião que:

[...] embora a revolução biotecnológica esteja remodelando a economia global e reformando a nossa sociedade, é provável que haja um impacto igualmente significativo sobre o meio ambiente da Terra[...] As novas tecnologias da era genética permitem aos cientistas, empresas e governos manipular o mundo natural em seu nível mais fundamental – os componentes genéticos que ajudam a orquestrar os processos evolucionários em todas as formas de vida...a seguir, com a propagação por clonagem, a produção em massa de réplicas dessas novas criações, deixando-as na biosfera para propagação, mutação, proliferação e migração, colonizando a terra, a água e o ar...esse é o grande experimento científico e comercial com o qual entraremos no século biotecnológico.

No contexto da globalização não existem mais fronteiras, e em função da quebra dessas fronteiras, o mercado estendeu os seus tentáculos de distribuição, circulação e oferta de produtos, de modo a operar uma espécie de democratização do consumo, o que faz com que os costumes, os hábitos seja iguais em toda parte do mundo. No âmbito da indústria cultural, a sua eficiência é uma das principais responsáveis pela promoção dos seus produtos, bem como na homogeneização dos costumes da juventude contemporânea. Assim: o mercado global cria a ilusão de que tudo tende a assemelhar-se e harmonizar-se. Cada vez

mais tudo é igual a tudo (IANNI, 1999, p. 26). Atualmente se consome o tênis Nike, come-se o Bic Mac, bebe-se a Coca-Cola em todos os lugares do planeta, criando-se a ilusão de que o mundo é imediato, presente, miniaturizado, sem geografia, nem história.

Ao lado das corporações, ora de forma convergente, ora divergentes estão o FMI, o BIRD e a OMC, organizações multilaterais, com capacidade de atuação em concordância e em oposição a governos nacionais. Possuem uma enorme influência não só econômica, mas também jurídico-política capazes de induzir, orientar ou impor políticas monetárias, fiscais e outras de cunho neoliberal. Constitui-se na chamada "santíssima trindade" do capitalismo global (IANNI, 1999, p. 108). Por outro lado temos a internet como um novo veículo de comunicação de massa, sendo capaz de interligar os povos do mundo inteiro. Um mundo de informação, uma diversidade enorme de pensamentos, de correntes político-ideológicas se comunicando. É o poder da informação (MENDONÇA, 1998, p.122-123).

Na idade eletrônica a velocidade é da luz, e, se o Direito não se movimentar rapidamente, corre o risco de deixar a deriva os criadores de obras musicais e lítero-musicais, que já começam a invadir o espaço virtual para divulgar suas obras. (GUEIROS JR., 1999, p. 449).

O caráter anárquico e democrático da internet tem criado uma enorme dor de cabeça às grandes corporações ligadas à indústria fonográfica e a estudiosos da problemática dos Direitos Autorais e nos próprios cantores/compositores; por outro lado a rede de computadores tem proporcionado aos novos artistas, e até nomes consagrados como: Prince e Lobão, que entraram para o "time dos independentes". A facilidade na divulgação de seus trabalhos, no movimento de idéias é um de seus diferenciais proporcionados pela rede mundial de computadores.

Depois de exposto o contexto, buscaremos discorrer sobre as práticas sociais colocadas pelos grupos em discussão, no caso específico os grupos musicais, cuja produção é difundida de através publicações on line, revistas, grupos

de discussão, blogs e sites especializados, bem como os CDs Coletivos aglutinando a participação de grupos vários estados do país, ou ainda de grupos de outros continentes tendo como uma das principais aliadas à rede mundial de computadores (Internet).

A rede mundial de computadores é um espaço essencialmente colaborativo que ao contrário das mídias tradicionais, traz interação como sua alma, promovendo a interação multiétnica, multinacional e multicultural possibilitando constituir como uma esfera pública e planetária, evitando a condição hegemônica de supermercado global. Trata-se de um conjunto de nós interconectados dotado de vantagens extraordinárias constituídas em ferramentas de organização por conta de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais capazes de sobreviver e prosperar em ambientes de rápida mutação e que vem desbancando corporações verticalmente organizadas e burocracias centralizadas e superando-as em desempenho (SILVEIRA, 2003, CASTELS, 2003). Um questionamento que ganha forças dentro dessa discussão é o do Direito Autoral e mesmo existindo regras nacionais e internacionais não tem oferecido resposta nem benefícios diretos para os autores ou detentores da idéia, em particular, das músicas, uma vez que a totalidade dos escritores e compositores/músicos depende dos produtores do livro ou distribuidores dos discos para terem a sua remuneração. Não existe em nenhum lugar do mundo uma gravadora ou editora que faça publicação de um livro ou de um CD numerado, permitindo assim que os criadores daquele produto possam ter controle sobre a venda e a distribuição das suas criações.

Percebe-se que a legislação sobre o direito autoral tem como objetivo garantir um mercado para aqueles que distribuem os produtos e não para aqueles que criam as obras. A Lei do copyright não age mais como uma regulamentação industrial; ela agora é uma restrição draconiana sobre o público em geral (VALOIS, 2003, p. 287 -317).

Segundo defensores dessa nova corrente planetária os conceitos do *copyright* agora adotados por um acordo internacional traduzem não apenas uma ofensa à inteligência humana, mas principalmente, tomam para si o direito

Individual sobre tudo que foi produzido até hoje pela sociedade. Nesse sentido, o *copyleft* surge como alternativa, que vem sendo utilizada por diversos selos musicais, instituições de ensino, empresas e indivíduos que vislumbram um futuro melhor para todos.

Para a nossa investigação preliminar e delineamento do presente artigo escolhemos dois desses CDs, o primeiro denominado ATITUDE III, lançado em 1999 e coordenado por membros de bandas de Fortaleza e Brasília, que contou com a participação de grupos de São Paulo, Fortaleza e Brasília. Já o segundo chamado de "32 Ensaios Anti-Imperialistas" foi lançado em agosto de 2004 tendo sido organizado pelo selo independente Pecúlio, da cidade de Santos em São Paulo, tendo a participação de grupos e personalidades de quase todos os estados do país.

Além do conteúdo musical, ambos trazem discussões políticas, questionamentos sobre as práticas da indústria fonográfica. Uma delas é a questão do preço que vem cunhado no encarte. Enquanto um cd lançado por uma grande gravadora custa em torno de R\$ 25,00 (vinte e cinco) reais, os cds cooperativados variam de oito a dez reais. Com as despesas postais, ficam em torno de treze reais.

O ATITUDE III, por exemplo, coloca a questão do racismo e do preconceito racial, utilizando como símbolo o ativista negro norte-americano Múmia Abu Jamal, condenado a morte pelos tribunais dos EUA por ter sido acusado de assassinar um policial branco. A condenação de Jamal, em 1998, mobilizou militantes, grupos de rock, artistas, entidades de defesa de Direitos Humanos do mundo inteiro, entre elas a Anistia Internacional.

Foram criados comitês em diversas partes no mundo no sentido de arrecadar fundos para o custeio de advogados e difusão das idéias anti-racismo. Parte da venda do referido CD foi destinada ao Comitê Pró-Múmia, organizado por ativistas na cidade de Santos.

Em todos os volumes do CD Atitude levantamos uma bandeira de luta: dessa feita, o tema abordado em nosso terceiro volume é o preconceito

racial, do qual Múmia Abu-Jamal e tantas outras pessoas são vítimas cotidianamente, infelizmente, existem seres humanos que julgam-se superiores a outros em razão da cor da pele, extrato bancário, cargo e função que ocupam em determinada instituição, nível de escolaridade...são várias as razões que conduzem ao preconceito e são várias as formas que podemos combater a proliferação e aniquilar essa doença chamada PRECONCEITO RACIAL. Esse cd... é apenas uma dessas formas. REAJA CONTRA O PRECONCEITO RACIAL!!!” (Cd Atitude III).

O “CD 32 ensaios anti-imperialista” coloca uma discussão muito presente que é a da cópia livre. Enquanto as multinacionais do disco fazem campanhas anti-pirataria os grupos participantes e o selo Pecúlio incentivam copiar livremente a sua produção. Segundo eles, o objetivo maior é a difusão das idéias contidas no CD e não o lucro. “Trata-se de uma forma de constranger o inimigo” (a indústria fonográfica).

Além da participação dos grupos musicais, o CD traz depoimentos de lideranças ligadas a movimentos ambientais, étnicos, raciais e sociais. Destaca-se também a participação do Centro de Mídia Independente (CMI) e do jornalista José Arbex, da revista Caros Amigos.

A idéia do cooperativismo funciona também quando o CD vai para a fábrica para ser prensado. Os valores de uma prensagem de 1000 cópias variam entre 2.700 e 3.000 reais. As despesas são rateadas entre os participantes igualmente. No início do acordo também é decidida a quantidade de cópias que vai ser utilizada na divulgação em sites especializados, revistas, fanzines e outras publicações do gênero.

Outra forma de escoamento dessa produção são as apresentações musicais dos grupos, onde são montados stands, ou “banquinhas” como preferem chamar. Assim é privilegiado o contato direto dos músicos com o público, evitando a figura do atravessador, que segundo os mesmos só serve para encarecer os CDs.

Diante do exposto percebe-se que tais iniciativas abrem espaço para discussões profundas não só no campo da música, mas também da distribuição da riqueza, do mercado, da educação, do monopólio dos softwares, da forma de arrecadar e distribuir os direitos autorais dos músicos, escritores e compositores. O modelo das grandes corporações não tem se sustentado, nem tampouco oferecido respostas a esses grupos sociais. Por outro lado, o advento da internet abriu uma fissura que parecia intocável, fazendo com que um novo modelo de organização e produção seja disseminado.

### Referências Bibliográficas

- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.
- CORRÊA, Tupã Gomes. *Rock nos passos da moda: mídia, consumo x mercado cultural*. São Paulo: Papyrus, 1989.
- HOBBSBAWN, Eric. J. *A era dos extremos*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, Octávio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- MENDONÇA, Amaudson Ximenes Veras. *A música Underground em Fortaleza: resistência ou crise de identidade?*. Fortaleza: Do it your self editora, 1998.
- NEHEMIAS, Jr. Gueiros. *O direito autoral no show business*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.
- RIFKIN, Jeremy. *O século da biotecnologia*. São Paulo: Makron Books, 1999.
- SADER, Emir. *O Anjo Torto: esquerda (e direita) no Brasil*. Brasiliense: São Paulo, 1995.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. "Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica." in: CASSINO, João e SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Orgs). *Software livre e inclusão digital*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. (páginas 17 a 47)



VALOIS, Djalma. "Copyleft" In: CASSINO, João e SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Software livre e inclusão digital*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. p. 287-317.

### Fontes primárias pesquisa

CD Atitude, Brasília/Fortaleza, v.3, 1999.

32 Ensaaios Anti-imperialistas, Santos, São Paulo, v. 1, 2004.